

**VIDA DE
SÃO FRANCISCO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Boaventura, Santo, Cardeal, ca.1217-1274

Vida de São Francisco : legenda maior / São Boaventura ; tradução de Artur Costrino. - São Paulo : Paulus, 2026.

(Coleção Clássicos da espiritualidade)

ISBN 978-85-349-6135-6

Título original: Legenda maior s. Francisci / Doctoris Seraphici s. Bonaventurae

1. Francisco, de Assis, Santo, 1182-1226 – Biografia 2. Santos católicos I. Título II. Costrino, Artur III. Série

26-1388

CDD 922.22

Índice para catálogo sistemático:

1. Francisco, de Assis, Santo, 1182-1226 – Biografia

SÃO BOAVENTURA

Tradução: Artur Costrino

VIDA DE
SÃO FRANCISCO
LEGENDA MAIOR



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Legenda maior s. Francisci / Doctoris Seraphici s. Bonaventurae*

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Tarsila Doná

André Odashima

Design

Alicia de Sousa Camelo

Imagem de capa

São Francisco, detalhe do afresco
"Majestade de Assis", de Cimabue
(Getty Images)

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil) • Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-6135-6

ÍNDICE

- 7 APRESENTAÇÃO** - TIAGO JOSÉ RISI LEME
- 7 1) Vida e legado de São Boaventura
- 9 2) *Legenda maior*: a primeira biografia oficial de São Francisco, mas não a primeira a ser escrita
- 15 OPÚSCULO PRIMEIRO**
- 17 Prólogo
- 21 Capítulo I – Da conduta de São Francisco enquanto trajava o hábito secular
- 27 Capítulo II – Da sua perfeita conversão a Deus e da reparação das três Igrejas
- 34 Capítulo III – Sobre a instituição da religião e aprovação da regra
- 43 Capítulo IV – Do progresso da Ordem sob sua direção e da confirmação da Regra anteriormente aprovada
- 53 Capítulo V – Da austeridade de vida e de como as criaturas lhe prestavam consolo
- 63 Capítulo VI – Da humildade e da obediência e das condescendências divinas concedidas a ele à simples ordem
- 73 Capítulo VII – Do amor à pobreza e da admirável suplência das carências
- 83 OPÚSCULO SEGUNDO**
- 85 Capítulo VIII – Do afeto de piedade e de como, por falta de entendimento, pareciam ser por ele comovidos
- 96 Capítulo IX – Do fervor da caridade e do desejo de martírio
- 105 Capítulo X – Do esforço e da virtude da oração
- 112 Capítulo XI – Da inteligência das Escrituras e do espírito de profecia
- 122 Capítulo XII – Da eficácia da pregação e da graça das curas

- 131 Capítulo XIII – Dos estigmas sagrados
- 140 Capítulo XIV – Da sua paciência e da passagem da morte
- 146 Capítulo XV – Sobre a sua canonização e transladação

153 OPÚSCULO TERCEIRO

- 155 Capítulo I – E, primeiro, acerca das virtudes dos estigmas sagrados
- 162 Capítulo II – Sobre os mortos ressuscitados
- 168 Capítulo III – Dos que ele livrou do perigo de morte
- 175 Capítulo IV – Dos náufragos libertados
- 179 Capítulo V - Dos libertados de grilhões e cárceres
- 183 Capítulo VI – Dos libertados do perigo do parto
- 187 Capítulo VII – Dos cegos que receberam a luz
- 192 Capítulo VIII – Dos libertados de várias enfermidades
- 196 Capítulo IX – Dos que não guardam a festa e desonram o santo
- 199 Capítulo X – Sobre alguns outros milagres de diversa natureza

APRESENTAÇÃO

Tiago José Risi Leme

1) Vida e legado de São Boaventura

O nome de batismo de São Boaventura era Giovanni di Fidanza, mesmo nome de seu pai; sua mãe, por sua vez, chamava-se Rita (ou Ritella). Nasceu em Bagnoregio, na região do Lácio (Itália), próximo a Roma, entre os anos de 1217 e 1221. Quando criança, teve uma grave enfermidade, da qual foi curado milagrosamente. Em sua catequese sobre São Boaventura, o papa Bento XVI acenou a esse fato, que marcou substancialmente a vida do santo doutor franciscano: “Tinha sido atingido por uma grave doença, e nem sequer seu pai, que era médico, esperava salvá-lo da morte. Então, sua mãe recorreu à intercessão de São Francisco de Assis, que tinha sido canonizado havia pouco tempo. E João ficou curado”.¹

Iniciou seus estudos com os franciscanos. Em 1235, mudou-se para Paris, para estudar na Faculdade de Artes, na qual se formou por volta de 1243, ano em que iniciou seus estudos de Teologia e ingressou na Ordem dos Frades Menores, escolhendo o nome de Boaventura. Depois de concluir a Teologia, em 1248, começou a lecionar na Universidade como bacharel em Teologia. Em 1253, obteve a *licentia docendi* (licenciatura), defendendo uma tese sobre o conhecimento de Cristo, intitulada *Quaestiones disputatae de scientia Christi*. Posteriormente, tornou-se professor de Teologia junto aos franciscanos, sem poder ocupar livremente a cátedra de Teologia na Universidade de Paris, uma vez que os mestres seculares não admitiam que os mestres mendicantes, franciscanos e dominicanos, pudessem lecionar

¹ Papa Bento XVI, Audiência Geral, quarta-feira, 3 de março de 2010. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100303.html. Consulta em: 14/7/2025.

livremente naquela universidade. De fato, a vida religiosa mendicante era vista com muita desconfiança nos primórdios de sua fundação. Entretanto, em 1256, o papa Alexandre IV ordenou que Boaventura fosse “reconhecido oficialmente doutor e mestre da Universidade parisiense. Todavia, ele teve de renunciar a esse cargo prestigioso, porque naquele mesmo ano o capítulo geral da Ordem o elegeu ministro-geral” (*ibid.*). Permaneceu à frente da Ordem dos Frades Menores por 17 anos, exercendo sua função “com sabedoria e dedicação, visitando as províncias, escrevendo aos irmãos e intervindo por vezes com certa severidade para eliminar abusos” (*ibid.*). Sua influência ultrapassou os confins da Ordem franciscana, e, assim, quando a sede pontifícia estava vacante, ele teve a oportunidade de pregar em Viterbo, chamando a atenção dos cardeais reunidos para o Conclave, os quais o teriam consultado para fazê-lo papa, mas ele, por sua vez, teria indicado Teobaldo Visconti, que por fim foi eleito para a cátedra de São Pedro, assumindo o nome de Gregório X; este, por sua vez, nomeou-o cardeal em 28 de maio de 1273.²

O papa Gregório X incumbiu-o de preparar o Segundo Concílio Ecumênico de Lyon, que ocorreu de 18 de maio a 17 de julho de 1274 e que tinha como principal objetivo restabelecer a unidade entre as Igrejas católica e ortodoxa, a qual, por fim, concretizou-se, graças, em grande parte, às intervenções de Boaventura nas sessões conciliares. Tomás de Aquino também havia sido convocado para participar desse Concílio, mas infelizmente morreu a caminho da cidade francesa, em 7 de março de 1274. A vida de Boaventura também se concluiu no ano do Concílio de Lyon; no caso dele, em 15 de julho de 1274, apenas dois dias antes da conclusão do Concílio.

² Cf. Noone, Tim; Houser, R. E., “Saint Bonaventure”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/bonaventure/#LifeWork>. Consulta em: 14/7/2025.

O papa Leão XIII, em sua encíclica *Aeterni Patris*, exaltou São Boaventura como um dos dois pilares do pensamento escolástico, ao lado de São Tomás de Aquino. São Boaventura foi elevado à dignidade de doutor da Igreja pelo papa Sisto V, em 1588. Seu legado teológico e espiritual se perpetuou através das diversas obras que ele escreveu. Merecem destaque seu *Comentário às Sentenças de Pedro Lombardo*, como também suas três obras escritas como questões disputadas (método também utilizado por Tomás de Aquino e por outros pensadores escolásticos): *Sobre o conhecimento de Cristo*; *Sobre o mistério da Santíssima Trindade* e *Sobre a perfeição evangélica*. Ele também escreveu uma *Vida de São Francisco*, considerada a mais fiel e digna de confiança. Merece destaque também sua obra de teor místico, o *Itinerário da mente para Deus*.

2) Legenda maior: a primeira biografia oficial de São Francisco, mas não a primeira a ser escrita

Francesco di Bernardone nasceu em Assis, por volta do ano 1181, e faleceu numa noite de sábado, em 3 de outubro de 1226, aos 45 anos. Em 16 de julho de 1228, menos de dois anos depois, foi canonizado na mesma cidade de Assis, onde passou grande parte de sua vida, pelo papa Gregório IX.

Embora se designasse como “iletrado”, Francisco redigiu textos que chegaram até nós, como cartas, orações, regras e exortações. Nenhum deles, porém, tem caráter autobiográfico, com exceção do *Testamento*, que ele ditou dias antes de morrer e no qual se encontra, em seu primeiro parágrafo, o relato de sua conversão:

Foi assim que o Senhor concedeu a mim, frei Francisco, iniciar uma vida de penitência: como estivesse em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para leprosos.

E o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia com eles. E, enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo. E depois disso demorei só bem pouco e abandonei o mundo.³

Em 1266, quarenta anos após sua morte, o capítulo da Ordem, reunido em Paris sob a presidência do então ministro-geral frei Boaventura, promulgou a seguinte deliberação: “O capítulo geral ordena, por obediência, que todas as legendas⁴ anteriormente escritas sobre o bem-aventurado Francisco sejam destruídas e que, onde quer que elas sejam encontradas fora da Ordem, os frades se empenhem em suprimi-las”.⁵ Por essa razão, a primeira biografia oficial do seráfico Francisco foi a *Legenda maior*, uma vez que a decisão – um tanto incompreensível aos nossos olhos contemporâneos – tomada pelo capítulo geral da Ordem foi seguida rigorosamente.

A *Vida do bem-aventurado Francisco*, de autoria de Tomás de Celano e redigida em 1228-1229, foi uma das obras banidas pelo capítulo geral. Os poucos manuscritos remanescentes dessa obra se conservaram fora do âmbito da Ordem franciscana. Foi o papa Gregório IX, que conhecera bem Francisco antes de ser nomeado à cátedra papal, quem incumbiu o frade menor Tomás de Celano de escrever essa primeira biografia do santo. Celano escreveu-a em latim e baseou-se em testemunhos de pessoas que conviveram com Francisco. O relato punha em evidência a conversão

³ São Francisco de Assis, *Testamento*, in: *São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco de Assis*, Petrópolis: Vozes, 2000, p. 167.

⁴ Legenda, aqui, entendida em suas duas primeiras acepções, de acordo com o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*: “relato da vida ou do martírio de um santo, originalmente destinado a leitura pública em mosteiros e igrejas”; “obra que contém a coletânea desses relatos”.

⁵ Dalarun, J. (dir.), *François d'Assise. Écrits, vies, témoignages* (Éditions franciscaines-Le Cerf, 2010), citado por Jacques Delarun, «Le roman de François», *L'Histoire*, n. 348, dez. 2009. Disponível em: <https://www.lhistoire.fr/le-roman-de-françois>. Consulta em: 25/3/2026.

de Francisco e a aprovação da fraternidade pelo papa Inocêncio III, em 1209, sem, porém, aprofundar o tema da instituição da Ordem.⁶ Tomás também enfatizou a amizade de Francisco por Elias, que sucedeu Francisco à frente da Ordem em 1221, e pelo cardeal Hugolino, o futuro papa Gregório IX. Celano também se concentrou em três momentos marcantes da vida do *Poverello*: a impressão das chagas, a morte e a canonização.

Conforme questiona o historiador francês Jacques Dalarun, em seu artigo “Le roman de François”, que serviu de base para a redação desta apresentação, “como o *Poverello* – é assim que ele foi chamado a partir dos anos de 1230 – [...] se encontrou no centro de uma das mais complexas questões filológicas e históricas da Idade Média: a questão franciscana?”.

A primeira biografia de Tomás de Celano vigorou como texto autorizado durante dez anos. No final da década de 1230, houve uma reviravolta no governo da Ordem, muito ligada às perseguições que os frades menores, como também os dominicanos, enfrentavam na Universidade de Paris, onde os mendicantes não eram benquistos pelos clérigos regulares, que os viam como concorrentes.⁷ Frei Elias, que havia sido eleito ministro-geral em 1232, foi deposto por uma parcela dos frades, liderada pelos frades universitários, estes, por sua vez, influenciados pelo frade e professor Aymon de Faversham. Tomás de Celano veio em socorro de frei Elias, escrevendo uma reelaboração de sua *Vida do bem-aventurado Francisco*, a breve *Legenda umbra*, que punha em relevo os dois últimos anos da vida de Francisco, a partir da impressão das chagas; isso para legitimar frei Elias no cargo de ministro-geral, já que ele era o ministro-geral quando Francisco

⁶ *Ibid.*

⁷ No contexto dessa controvérsia, São Boaventura escreveu sua célebre *Apologia dos pobres contra o caluniador*, também publicada nesta coleção.

recebeu os estigmas no monte Alverne. Mesmo assim, Elias foi deposto em 1239.

Em 1240, Aymon de Faversham tornou-se ministro-geral, tendo como objetivo moldar a Ordem como uma elite de eruditos, como já haviam se tornado os dominicanos, impedindo o ingresso de frades leigos iletrados.⁸

Em 1244, com a morte de Aymon, o capítulo geral reunido em Gênova elegeu Crescêncio de Jesi como ministro-geral. Este tentou acalmar os ânimos entre os grupos divergentes e promoveu um levantamento de informações e relatos sobre o pai fundador. Nesse período, teve origem a *Legenda dos três companheiros*, com relatos de três entre os mais próximos colaboradores do santo: Leão, chamado carinhosamente por Francisco de “Ovelhinha”, Rufino e Ângelo.

Em 1246-1247, o ministro-geral confiou a Tomás de Celano a missão de reunir todo esse material num volume intitulado *Memorial no desejo da alma*. Havia, porém, duas imagens contrastantes de Francisco, que Tomás de Celano não conseguiu unificar: uma do jovem rico que abraçou a pobreza e fundou uma Ordem a serviço da Igreja e já bem inserida na sociedade da época; outra de um poeta, sonhador, irmão de todas as criaturas e avesso a tudo aquilo que pudesse desviar a Ordem de seu carisma original; ou seja, uma imagem carismática de Francisco e outra institucional.

Em 1257, frei Boaventura foi eleito ministro-geral. Tendo estudado e lecionado na Universidade de Paris, ele sentiu a necessidade de redigir uma biografia de Francisco que pudesse dirimir essas duas imagens contrastantes do fundador. Assim, teve origem, primeiramente, a *Legenda menor*, que reunia suas 63 leituras litúrgicas para a celebração da oitava da festa de São Francisco. A *Legenda maior*, por sua vez, teve como origem a

⁸ Delarun, Jacques, «Le roman de François», *loc. cit.*

primeira *Vida* e o *Memorial no desejo da alma* de Tomás de Celano. O verdadeiro título da *Legenda maior – Vida do bem-aventurado Francisco* – é, com efeito, o mesmo da primeira biografia composta por Celano, revelando o desejo de Boaventura de substituir a obra de seu predecessor.⁹

Na *Legenda maior*, para citar as palavras de Jacques Delarun:

[...] a trama histórica se abranda: “professor, guia e arauto da perfeição evangélica”, Francisco foi dado por Deus, “como luz dos fiéis”. Ele é o fundador da Ordem e restaurador da Igreja. Depois a biografia se faz espelho de virtudes: austeridade, amor pelas criaturas, humildade e obediência, pobreza, piedade, caridade, desejo do martírio, oração, entendimento das Escrituras, espírito de profecia, eficácia da pregação e dom de cura. Os estigmas vêm coroar o edifício, como o carimbo de Deus aprovando sem rodeios a obra de Francisco.

⁹ *Ibid.*

OPÚSCULO PRIMEIRO